

Configurações da Diáspora negra na poesia brasileira contemporânea**Black Diaspora configurations in contemporary Brazilian poetry**Michel Mingote Ferreira de Ázara
Universidade de São Paulo-USP

RESUMO: O intuito do presente artigo é o de apresentar uma leitura múltipla e aberta – em perspectiva comparada – da recente poesia brasileira contemporânea de autoria negra (especificamente os trabalhos de Edimilson de Almeida Pereira e Marcelo Ariel) que se configura sob o signo do imaginário Afrodiaspórico. Neste contexto de trocas e fluxos incessantes que moldaram o imaginário do Atlântico negro, dialogaremos tal poesia com alguns trabalhos artísticos contemporâneos e também com o livro seminal do poeta martiniquenho Aimé Césaire intitulado *Diário de um retorno ao país natal*.

PALAVRAS-CHAVE: Negritude; Poesia brasileira contemporânea; Diáspora Negra.

ABSTRACT: The aim of this article is to present, in a comparative perspective, a multiple and open reading of current contemporary Brazilian poetry by black authorship –specifically the works by Edimilson de Almeida Pereira and Marcelo Ariel– which is configured under the sign of the Afro Diasporic imaginary. In this context of continuous exchanges and flows that shaped the imaginary of the black Atlantic, I propose a dialogue of that poetry with some contemporary artistic works as well as with the seminal book by the Martiniquean poet Aimé Césaire entitled *Notebook of a Return to the Native Land*.

KEYWORDS: *Négritude*; Contemporary Brazilian poetry ; Black Diaspora.

1. Introdução

O fundamental “Diário de um retorno ao país natal”, de Aimé Césaire, lançado em 1939, em Paris, se configurou como um marco do movimento da Negritude em seu largo sentido de movimento estético-político-ideológico e cultural. Escrito

em versos livres o poema condensa, com a cristalização do termo Negritude, as diversas manifestações que surgiram em contextos díspares, como aquelas advindas do Harlem Renaissance, nos Estados Unidos, nos anos de 1920, além daquelas vindas do Indigenismo da literatura Haitiana, também dos anos de 1920, e do Negrismo cubano de Nicolas Guillén, dos anos de 1930. No poema, o olhar transnacional do poeta abarca desde as pequenas ilhas da península caribenha até as grandes metrópoles do planeta. Neste movimento, uma solidariedade se estende a todos os subalternos do mundo: “Minha boca será a boca das desgraças que não têm boca, minha voz, a liberdade daquelas que se abatem no calabouço do desespero”.¹ Além desta solidariedade estendida, o que ocorre no poema é um intercruzamento de olhares: o sujeito, que está na metrópole e olha em direção à colônia, também dirige seu olhar, a partir da ilha (minha ilha aberta), em direção a outros países, a outros continentes, a outros mundos negros:

E minha ilha não-fechada, sua clara audácia de pé na popa dessa polinésia diante dela, Guadalupe fendida em duas por sua linha dorsal e de igual miséria à nossa, Haiti onde a negritude se pôs de pé pela primeira vez e disse que acreditava na sua humanidade e a cômica pequena cauda da Flórida onde de um negro se consuma o estrangulamento e a África gigantescamente arrastando-se até o pé hispânico da Europa, sua nudez em que a Morte ceifa com movimentos largos. E eu me digo Bordéus e Nantes e Liverpool e Nova Iorque e São Francisco não há nem um pedaço desse mundo que não tenha minha impressão digital.²

Segundo Lilian Pestre de Almeida, “o inventário do espaço que se dilata progressivamente contém a ilha natal (a Martinica) a Guadalupe vizinha, Haiti (...) todo o arquipélago, a África, as correntes marítimas, os portos de comércio de negros escravos, as plantações, toda a terra”.³ No poema de Aimé Césaire, a ênfase recai sobre o deslocamento, é uma questão de vetores e direções. É aquilo que Édouard Glissant nomearia de uma poética do “desvio”, uma poética

1 CÉSAIRE, 2012, p. 29.

2 CÉSAIRE, 2012, p. 31.

3 PESTRE DE ALMEIDA. In: CÉSAIRE, 2012.

da errância, uma poética da circulação dos mundos em um espaço transnacional que configurou o Atlântico Negro, tal como se observa no afresco *Rezome* (figura 1) do artista Henri Tauliaut.



Figura 1: “Rezome”, de Henri Tauliaut, 2018. Afresco pintado na entrada da biblioteca da Universidade das Antilhas, Martinica. Arquivo pessoal.⁴

Tal reflexão dialoga com o pensamento de Édouard Glissant e sua leitura atenta dos processos geofísicos como deflagradores de uma nova forma de pensar o mundo, que o próprio autor nomeará de “pensamento do arquipélago”: [...] um pensamento do tremor, que não se projeta de um só e impetuoso impulso em uma só e imperiosa direção; ele explode em todas as direções, em todos os sentidos [...] Ele distrai e desvia as imposições de sistema”.⁵ Além das questões ligadas à Negritude, o poema de Césaire deflagra um pensamento em circulação, em movimento, um pensamento-mundo a partir de um olhar rizomático que

4 Intitulado *Rezome*, este afresco do artista Henri Tauliaut, nas palavras do próprio autor, pretende ser a metáfora dos links que unem os territórios do Caribenho além das fronteiras e das tragédias. Cabos submarinhos, linhas aéreas e marítimas, redes informáticas, migrações, encontro de línguas e trocas de saberes atravessam seu espaço e ligam seus habitantes. Cada lugar é um centro e traz sua riqueza ao conjunto. Ainda segundo Henri Tauliaut, *Rezome* é uma carta imaginária para construir o Caribe de amanhã, sonho de encontros, de igualdade e de fraternidade.

5 GLISSANT, p.18, 2014.

compreende o retorno não como a volta a uma origem, essência ou ponto fixo, mas como atravessamento, passagem, meio: “o pensamento acerca do que há-de vir será, forçosamente, um pensamento da vida, de reserva a vida, do que terá de escapar ao sacrifício. Deve ser *um pensamento em circulação, um pensamento em movimento, um pensamento-mundo*”.⁶ Neste sentido, partimos do fundamental *Diário de um retorno ao país natal*, do poeta martiniquenho, para propormos uma leitura aberta e transversal da derradeira poesia brasileira contemporânea de autoria negra. Além de ter sido o poema fundador do movimento da Negritude, *Diário de um retorno ao país natal* apresenta diversas temáticas que conformaram o imaginário afrodiaspórico e que são recorrentes na produção estética subsequente ao advento do movimento da Negritude, tais como a do deslocamento, do atravessamento, das fronteiras, do corpo, do desabrigo, da desterritorialização e do movimento de descoberta contínua do estar no mundo.

2. HOMELESS



Figura 2: “pontos”, 2015, de Jaime Lauriano. Desenho das rotas de tráfico negreiro feito com pemba branca (giz usado em rituais de Umbanda). Dimensões variáveis.

6 MBEMBE, 2018, p.309.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

O poeta Juiz-forano Edimilson de Almeida Pereira é autor de uma vasta e reflexiva poesia que atravessa diversas temáticas. No que diz respeito ao imaginário da diáspora negra, livros como *Homeless* (2010) e *Signo Cimarrón* (2005), por exemplo, se configuram sob o prisma do imaginário do Atlântico negro e sob as linhas de fuga traçadas pelos processos de resistência da *cimarronage* (quilombagem). No caso do primeiro, vários tropos ligados ao imaginário afrodiaspórico são incorporados à estrutura do poema: O Barco, o desabrigo (*Homeless*), a errância, a desterritorialização, o ventre/útero (às avessas), a cartografia, e as diversas rotas deflagradas com o tráfico negroiro:

Homeless

Cartografia I

O cultivo no mar

É devoração

: a cada movimento

(...)

Navio

: a máquina são várias

(...)

: a que hora se apresenta

É um útero às avessas

Um feto trocado

Por fumo e aguardente

Bóia

Alheio ao mercado

Outros foram lançados

A essa barca noturna

Sem nome

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

Tirados ao sangue⁷

Já no segundo livro, escrito em espanhol, é o próprio signo que incorpora o movimento e a linha de fuga traçada no momento da quilombagem: “O signo é cimarrón [...] Sua laceração não é da pedra, o signo cimarrón se move”.⁸ Pensamento-mundo em circulação, signos em rotação: a incorporação, no poema, das diversas figuras que moldaram o imaginário do Atlântico negro, se coadunam à urgência da instauração de um pensamento/criação/invenção dado em uma perspectiva transnacional e transcultural. Os múltiplos atravessamentos, trocas e intercâmbios que geraram tal imaginário, são absorvidos na estrutura interna dos poemas. Já em *Caderno de retorno* (2013), o diálogo direto com *Diário de um retorno ao país natal*, também aponta um mergulho nas diversas mazelas herdadas do período colonial e do processo de escravização:

Tenho doze anos. Ao entregar a roupa limpa
me indicam a entrada de serviço
mal iluminada.
O menino desliza o hades das garagens
adivinha a campainha em braile.
A cozinha abre a porta
(até quando fará os mesmos gestos)
sorri recolhe as peças
e mergulha outra vez
no Brasil colonial.
Será o doublê de mucama que areou vasilhas
sábados a fio?
e engomou por força o próprio destino?⁹

7 PEREIRA, 2010, *passim*.

8 “El signo es cimarrón [...] Su laceración no es de la piedra, el signo cimarrón se mueve”. PEREIRA, 2005, p.30. Tradução nossa.

9 PEREIRA, 2013, p. 210.

e faz vir à tona uma poética dos *rastros/resíduos* (Glissant) que se fabula na descolonização do imaginário, na história sendo lida à contrapelo, não somente como o anjo da história benjaminiano, mas também como o Sankofa (figura 3)¹⁰, símbolo adinkra que representa o processo de ressignificação do presente no momento em que se volta em direção ao passado:

Cartografia II

o que foi lançado
às ondas
sobe ao maxilar
da história¹¹



Figura 3: Sankofa. In: <https://www.itaucultural.org.br/sankofa-nao-e-errado-voltar-atras-pelo-que-foi-esquecido>. Acesso em: 25/006/2020.

10 Sankofa é um símbolo Adinkra, do povo Akan, que hoje se espalha pelos territórios de Gana e Costa do Marfim. Aqui, ele é representado como um pássaro mítico que voa para frente, mas cuja a cabeça, voltada para trás, demonstra a necessidade de retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro.

11 PEREIRA, 2010, p.121.

A poesia de Edimilson de Almeida Pereira parece se configurar justamente sob o signo trans – enquanto travessia/cruzamentos/multiplicidades rizomáticas. Neste sentido, falar na produção estética advinda da diáspora negra, significa falar em travessias, desbordamentos de fronteiras, devires. O imaginário da diáspora perpassa então a ideia de mobilidade, de movimento constante. Para Paul Gilroy, os navios são unidades culturais e políticas, cronotopos que o auxiliam a repensar a modernidade por meio do Atlântico negro e da diáspora Africana. Os navios, para o sociólogo inglês, eram os meios vivos pelos quais se uniam os continentes e penínsulas que conformavam o mundo atlântico. Eles eram elementos móveis que representavam os espaços de mudança entre os lugares fixos que eles conectavam. Em uma perspectiva intercultural e transnacional, o Atlântico negro (Gilroy) corresponde a uma circulação intensiva e múltipla de sujeitos, signos e culturas, que se condensa na figura do barco. Neste sentido, as novas poéticas da diáspora negra vão considerar, entre outros elementos, o navio e o imaginário ligado ao mar.

Em um livro como *Homeless*, o desabrigo, nas palavras de Edimilson de Almeida Pereira, remete à condição do negro na sociedade brasileira “nós, negros brasileiros, ainda somos sujeitos sem casa, Homeless, em nossa própria terra” (PEREIRA, 2016). Mas esta situação é também o ensejo para a formulação de novas formas estéticas, uma abertura a novas epistemes, a configuração de uma poética do desabrigo, que se volta em direção aos despojos, os espólios da diáspora negra:

Homeless

Cartografia 1

a palavra sonar

traz à tona

o espólio que, um

dia corpo

atravessou o próprio
meridiano¹²

Por fim, salientamos que assim como a poética inaugural de Aimé Césaire, diversas obras de Edimilson de Almeida Pereira também se moldam sob a égide da Diáspora negra. Entre o aqui e o acolá (Figura 4) – seja o sujeito em exílio de *Diário de um retorno ao país natal* ou no grande desabrigo físico e metafísico em *Homeless* –, o que seria importante salientar é a configuração de uma poética que se elabora incorporando na estrutura interna dos poemas diversos vetores de mobilidade, deslocamento, trânsitos, travessias e atravessamentos.



FIGURA 4: 60 dias, 2015, de Jaime Lauriano. Desenho das rotas de tráfico negreiro feito com pemba branca (giz utilizado em rituais de Umbanda) sobre algodão preto, 50 x 110 cm. Foto Galeria Leme. In: <https://pt.jaimelauriano.com>. Acesso em: 25/09/2019.

3. COMO SER O NEGRO

12 PEREIRA, 2010, p. 110.

o desejo coletivo que se manifesta pela destruição e obstrução de algumas destinações sublimes que incluem a DESTINAÇÃO NEGRO INDIO

Marcelo Ariel

A poesia do paulista Marcelo Ariel se configura na abertura a outras epistemes, outros saberes. A Negritude, no poema “Como ser o Negro ou a matéria escura”, do livro *Com o Daimon no contrafluxo* (2016), por exemplo, pode ser compreendida enquanto potência, resistência, no sentido de abertura micropolítica ao imaginário diaspórico que se coadunaria à ideia de um *Devir negro do mundo*, tal como postulado por Achille Mbembe. Segundo tal concepção, pela primeira vez na história humana o substantivo negro deixaria de remeter exclusivamente “à condição atribuída aos povos de origem africana durante a época do primeiro capitalismo. A essa nova condição fungível e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização pelo mundo inteiro, chamamos o devir-negro do mundo”.¹³

Esta abertura a outros saberes, outros modos de existência, uma iluminação pelos signos, em rotação, em movimento, em direção a um mundo sem fronteiras em que as alteridades possam ser exercidas de maneira plena, também se pauta pelo movimento em direção ao outro:

e quando a materia escura
puder ser vista do lugar onde antes nascia o sol
o negro dentro do negro irá iluminar a transparencia do ar
e neste ar genesiaco, extensao africanizada do naolugar
que um dia foi a terra,
poderao se abraçar todas as primeiras pessoas
tornadas terranas
irmaos e irmas em alteridade
finalmente do lado interior

13 MBEMBE, 2018, p.18.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

o que dissolve as fronteiras¹⁴

Observa-se, neste sentido, a abertura a uma solidariedade subalterna. A inversão da equação que incluiria todos os pardos no grupo de negros, desvela o deslizamento das questões levantadas pela Negritude em direção a um contexto mais amplo de um *Devir negro do mundo*, na acepção de Mbembe: “estamos em uma espécie de congresso nacional de indígenas/e eles declararam que todos os pardos/ são índios”.¹⁵ Mas, como ser o negro, ou ainda, o que é ser negro? Antes de mais nada, uma existência concreta, factual, ôntica:

negro e um lugar ontico
e preto e um lugar social
soube desde sempre
que o ontico
e o social
nunca se encontram
no mesmo plano dimensional¹⁶

14 ARIEL, 2019, p. 306. Mantemos aqui a grafia da versão disponibilizada pelo poeta na internet. No próprio poema o autor adverte ao leitor: “aviso aos navegantes não irei usar aqui nenhum acento, a ortografia e o Poder dominante, irei usar apenas vírgulas e traços aleatórios como o dia e a noite, como estes sonhos” . ARIEL, Marcelo. *Como ser o negro ou a matéria escura*. In: ARIEL, 2019 p. 289.

15 ARIEL, 2019, p.308

16 ARIEL, 2019, p. 296.



FIGURA 5: Paulo Nazareth, In: <http://latinamericanotice.blogspot.com/>. Acesso em: 25/09/2019

Como se observa na figura 5, trabalho artístico de Paulo Nazareth, ao provocar a discussão: o que é o negro? O que é o preto? Demonstra a arbitrariedade de tais categorias elaboradas pelo pensamento europeu colonizador. Na perspectiva de Ariel, preto é um lugar social, e negro é a existência física, real e factual. Assim como em *Diário de um retorno ao país natal*, a poesia de Ariel parece justamente criar um espaço de contiguidade entre o passado escravocrata e a situação real – dimensão ôntica – do negro hoje. Neste sentido, ainda que aqui não se observa o diálogo direto com a poesia de Aimé Césaire, as diversas problematizações surgidas com o movimento da Negritude – inaugurado pelo poema do poeta martiniquenho – aparecem na poesia de Ariel. No poema “Como ser o negro ou a matéria escura”, a busca de “como ser o negro” passa por uma descida abissal e rizomática não apenas pelas referências ligadas ao contexto do atlântico negro, mas de toda a cultura mundial. Emerson, Walter Benjamin, Mondrian, Shakespeare, Shelley, Ligeti, Dante, Rimbaud, Cruz e Sousa, Jorge de Lima, entre outros, são convocados a alargarem o alcance da negritude, declinada para além de uma visão essencialista.

Conclusão

A nosso ver, a poética de Marcelo Ariel e de Edimilson de Almeida Pereira seguem também a linha de uma cultura transnacional que Mbembe nomeara de “Afropolitana”, que busca se desvincular de uma visão mais restrita da Negritude:

O afropolitanismo é uma estilística, uma estética e uma certa poética do mundo. É uma maneira de ser no mundo que recusa, por princípio, toda forma de identidade vitimizadora, o que não significa que ela não tenha consciência das injustiças e da violência que a lei do mundo infringiu a esse continente e a seus habitantes. É igualmente uma tomada de posição política e cultural em relação à nação, à raça e à questão da diferença em geral¹⁷

Segundo Mbembe, a partir do momento que a África contemporânea desperta sob as figuras do múltiplo (inclusive o múltiplo racial) que são constitutivas de suas identidades, declinar o continente somente a partir do modo da solidariedade negra torna-se insustentável. Neste sentido, o prefixo afro, não remeteria a uma origem fixa, mas sim um ponto de inflexão, de difração, de contaminação rizomática transnacional e cosmopolita. Terminaremos com a imagem de uma criança convocada a se deslocar, a prestar um serviço, a mergulharem outra vez no Brasil colonial, tal como vimos no poema de Edimilson de Almeida Pereira:

tenho 09 anos

costumo ser

convocado para comprar cigarros nas padarias para as ondinhas do puteiro,

esta situação vem da fenecia ou do egito

a iluminação pelos signos

17 MBEMBE, 2015, p. 70-71

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

nao aprendemos a ler e escrever na escola, foi a vizinha
a negra dona marlene me ensinou
quando cheguei no sistema escolar
aprendi que um avanço para nos
e visto como um atraso, um acidente
por muitos, os que trabalham para o opaciamento do sublime,
no senso comum¹⁸

...

Referências bibliográficas

ARIEL, Marcelo. *Ou O Silêncio Contínuo – Poesia Reunida 2007-2019*. São Paulo: Kotter Editorial, 2019.

CESAIRE, Aimé. *Diário de um retorno ao país natal*. Trad. Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: Edusp, 2012.

GILROY, Paul.; MOREIRA, Cid Knipel. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001

GLISSANT, Édouard. *O pensamento do tremor*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2014.

MBEMBE, A. *Afropolitanismo*. Tradução Cleber Daniel Lambert da Silva. *Áskesis*. Revista dos Discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, v. 4, n. 2, p. 68-71, jul./dez. 2015

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Signo cimarrón*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005. 96 p.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Homeless*. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Caderno de retorno*. Salvador: Ogum's Toques Editora, 2013.

PEREIRA, E de A. A revanche do sagrado: entrevista com Edimilson de Almeida Pereira. In: Revista eletrônica vinte cultura e sociedade: uma perspectiva negra. 14 de setembro, 2016.
<<https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2016/09/14/entrevista-trecho/>>
>Acesso em 25/01/2021.

PESTRE DE ALMEIDA, Lilian. Posfácio. In: CÉSAIRE, *Diário de um retorno ao país natal*, 2012, p. 93-153.

Breve currículo do autor:

Michel Mingote Ferreira de Ázara é Pós-doutorando em Literatura Comparada pela USP (2018) com bolsa da Fapesp (processo nº 2018/13100-7). Doutor em literatura comparada e teoria da literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015). Possui Mestrado em teoria da literatura, literatura e outros sistemas semióticos, pela Ufmg (2010) e Graduação em Letras, também pela Ufmg (2008). Coorganizador do livro de ensaios *Perspectivas críticas da Literatura Brasileira Contemporânea no século XXI: prosa e outras escrituras* (São Paulo: Educ, 2021). Atua principalmente nos seguintes temas: Literatura, outras Artes e Mídias; literatura e cinema contemporâneos; literatura e artes visuais; Negritude; Diáspora Negra; Paisagens.

Recebido em maio de 2021

Aprovado em dezembro de 2021